

As Tribos com os Olhos para o Céu: Imagens de Satélite e Políticas Ambientais

Francisco Martellini*, Roberto Donato da Silva Júnior

Resumo

Através de uma metodologia de análise etnográfica da discursividade foi possível compreender, dentro do recorte analítico escolhido, como as técnicas de visualização da superfície terrestre contribuem para os processos de politização da ciência e cientificização da tecnologia no campo de estudo das questões ambientais. Os resultados sugerem que seu uso está majoritariamente ligado às ideias de planejamento e manejo dos recursos naturais, excluindo a atuação de atores que não dominam o conhecimento técnico-científico.

Palavras-chave:

Sensoriamento Remoto, Conservação, Ciência Reflexiva

Introdução

Com os olhos apontados para o céu, sentamos na soleira da porta e observamos novos corpos celestes passarem pelas nossas cabeças, contando suas histórias nas noites frias em torno das chamas do risco. Estes “objetos” da cientificização tornam-se “sujeitos” ativos na política e na ciência, trazendo novas oportunidades de persuasão e desenvolvimento nos processos de produção e emprego dos resultados científicos (BECK, 2011).

Neste contexto, o projeto de pesquisa se propôs a entender como as imagens geradas por técnicas de sensoriamento remoto influenciam na produção de conhecimento no âmbito das questões ambientais, através do estudo da discursividade em um recorte da produção científica sobre conservação e imagens de satélite.

Resultados e Discussão

A análise foi realizada em cinco artigos selecionados nos mais citados dos indexadores científicos *Web of Science* e *Google Acadêmico*, no período entre 2005 e 2015, com os critérios: (1) categoria: *remote sensing, conservation e protected areas*; (2) categoria: *remote sensing, conservation e environmental managing*.

Como a discursividade não se constitui somente como um conjunto de signos, foi utilizada uma perspectiva etnográfica como instrumento metodológico, para que através da alteridade, o analista se coloque também como receptor, mitigando a problemática do autoritarismo excessivamente crítico de sua parte. As concepções de uso das imagens de satélite apresentam três aspectos principais dentro do recorte: (1) a crença de sua eficácia no ambiente político; (2) como forma de planejamento; (3) eficácia e eficiência do sensoriamento remoto e do geoprocessamento no campo das ciências ambientais.

Em relação ao primeiro aspecto, a maioria dos autores considera que o uso de imagens de satélite garante que as políticas sejam executadas de maneira correta, sendo necessárias para aquelas que envolvam o tema da conservação. No segundo aspecto, os autores utilizam as imagens de satélite como forma de planejamento e manejo do solo, melhorando a situação de áreas

degradadas ou gerindo de uma forma considerada melhor. No terceiro, tanto o geoprocessamento quanto o sensoriamento são considerados eficientes (fazer melhor) e eficazes (fazer certo) por todos os autores.

Conclusão

O recorte escolhido mostra que dentro das questões ambientais, o uso de imagens de satélite tem um forte viés de planejamento e manejo, especialmente em relação aos recursos naturais. A politização de seu conhecimento parece estar mais ligada a adoção de seu uso por diversas áreas, do que a ampliação de seu uso por atores não ligados a sua produção técnica, ou seja, para que a conservação seja efetivamente alcançada é necessário um “trabalho intenso de mobilização e organização social pelos extensionistas” (DESTRO; CAMPOS, 2010), mesmo assumindo a necessidade de uma discussão mais ampla entre os diversos atores envolvidos.

A normatividade proposta pelos autores exclui, portanto, a “perspectiva de que as diferentes ciências são produtos e produtoras da dinâmica sociocultural da era da reflexividade” (SILVA JUNIOR; FERREIRA, 2013), e considera que a conservação da biodiversidade só pode ser alcançada com a menor interferência das populações das áreas “naturais”, restando a ciência o papel de mediadora do processo

Agradecimentos

Ao meu orientador, Roberto Donato, a meu primeiro orientador, Carlos Etulain, ao grupo “Ciências, Ambientes e Interdisciplinaridades”, por me fazerem acreditar que era possível.

BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco**: Rumo a uma outra modernidade. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

SILVA JUNIOR, Roberto Donato da; FERREIRA, Leila da Costa. Sustentabilidade, entre Ecologia e Sociologia. **Estud. Sociol.**, Araraquara, v. 18, n. 35, p. 421-439, jul.-dez. 2013.

DESTRO, Guilherme F. G.; CAMPOS, Sérgio. Implantação de Reservas Legais: uma nova perspectiva na conservação dos recursos naturais em paisagem rural. **R. Bras. Eng. Agríc. Ambiental**, Campina Grande, v. 14, n. 8, p. 887-895, 2010.